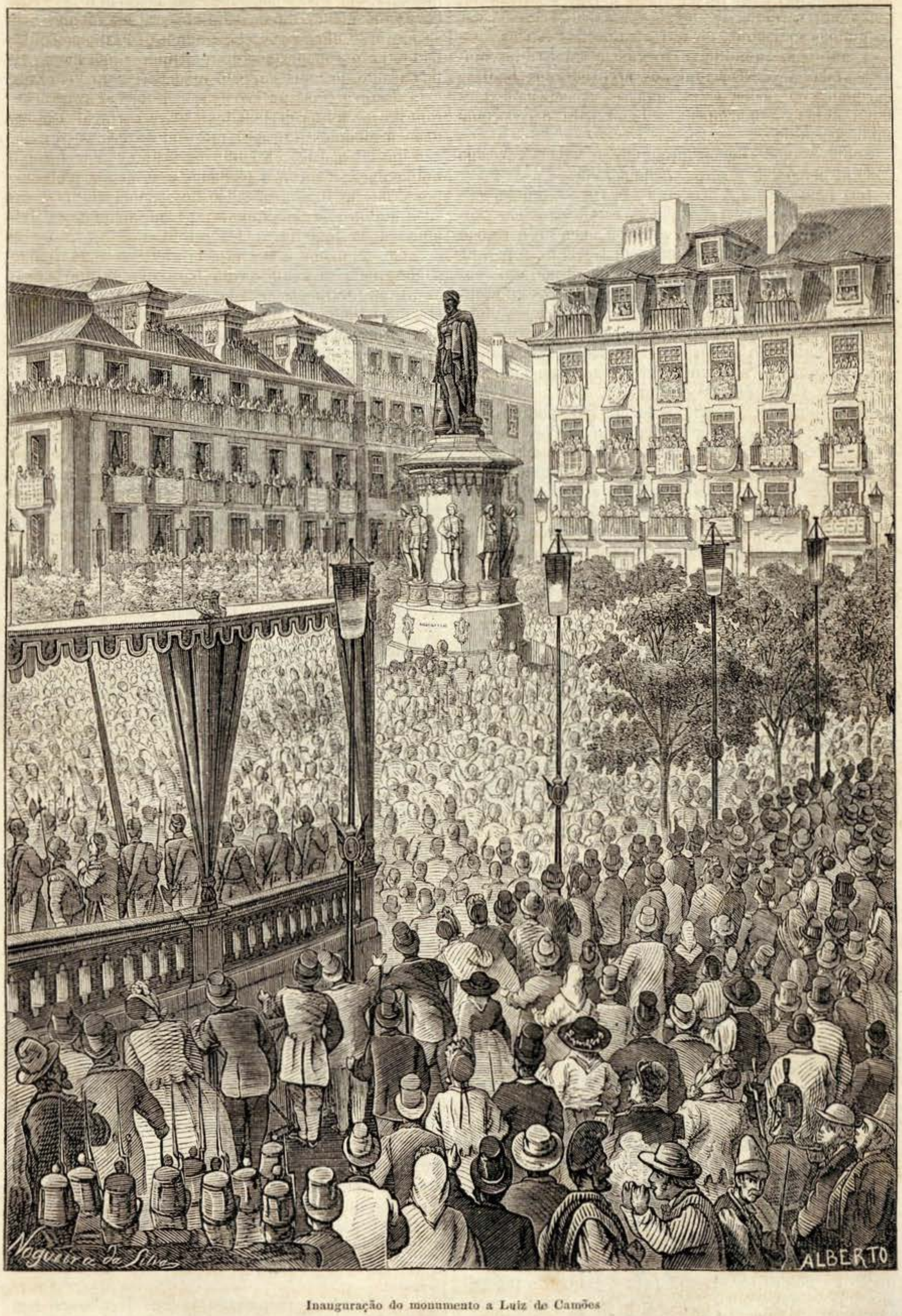


Inauguração do monumento a Luiz de Camões

O sol inundava de esplendor as ruas da cidade tumultuosa; tudo eram galas e flores, e as amplas bandeiras desenrolavam com ufania as suas quinas triumphaes; o ceo estava azul e sereno, sereno e azul o Tejo, nem uma ruga no cristal do rio, nem uma nuvem na téla do firmamento!

As mós de povo redemoinhavam confusas, e a sua massa cambiante brilhava á luz clara e alegre do sol;

scintillavam aqui e além subitos relampagos nas baionetas luzentes, rodavam os canhões nas praças, e a viração agitava, ao perpassar a galope a cavallaria, como um cardume de flores aéreas, o turbilhão das flammulas ondeantes no ferro polido das lanças.

A multidão tumultuava risonha e ruidosa, as musicas marciaes arrojavam aos ares as suas bellicas harmonias, e todos estes rumores, consubstanciados n'um immenso murmurio, subiam para o ceo como jubiloso cantico.

Subito reinou silencio profundo, e apenas um vago fremito percorreu a turba agglomerada.

Mas logo o canhão ergueu a sua voz sonora em salvas triumphaes, curvaram-se os estandartes em saudação guerreira, o hymno grave e magestoso resoou de todos os lados em homenágem solemne. É porque se rasgára o véo, e immovel, sereno, grandioso, banhado de sol, frememte, nas suas vestiduras de bronze, ao contacto da chamma patriotica, surgíra aos olhos de todos, erguido no seu pedestal de marmore, mais erguido ainda no seu pedestal de gloria, poisando a mão na espada, apertando ao peito o seu immortal poema, o vulto sublime de Camões.

Eis-te em fim, poeta! Eis-te em fim, pallido naufrago, que boiaste durante seculos n'este pélago confuso de desventuras e de miserias, levantando acima das ondas o livro das nossas glorias. Quando o baixel se desconjuntou, caíste na voragem envolto na bandeira nacional, e agora, arrancando dos hombros essa mortalha sublime, appareces inundado de luz, espectro que és hoje estatua, Lazaro que és hoje um Christo, mendigo que és semi-deus.

Eis-te em fim, tu que foste o ultimo da geração dos fortes! Vens grave e triste. Os teus olhos sem luz contemplam mudamente Lisboa, que se desenrola a teus pés. Procuras-lhe o diadema? Já lhe tombou da fronte. Buscas o Tejo, fazendo arfar no dorso espumeo os galeões gigantes? Deslisam além as suas aguas desertas. Anceias por ver com os olhos da phantasia desdobrarem-se-lhe nos hombros as prégas da sua purpura de rainha do Oceano? Só por instantes lh'a empresta o sol ao descaír no occaso. Heroes? São pallidas sombras vagueando no cypreslal da historia. Grandeza? A do aviltamento. A espada? É uma reliquia. O altar, ao menos, d'essa gloria extincta? É o teu poema.

Sobrevives tu só! Quando os filhos da culta Grecia primeiro ousaram saír do placido Archipelago, e demandando o Oriente, chamados pela irradiação do vello de oiro, transpozeram os estreitos e os mares, affrontaram dentro da grosseira nave as iras do revolto Euxino, e foram em fim surgir nas enseadas da Colchida resplandecente, ficou apenas na memoria dos homens uma vaga e nebulosa lembrança, o nome incerto de um poeta, os sons duvidosos de uma lyra, e no firmamento o resplandor de uma constellação. Os argonautas modernos, deixando as praias occidentaes, sulcando com a proa das caravelas as ondas tenebrosas do immenso Oceano, vendo como que formarem-se em alas silenciosas, para contemplarem o cortejo heroico das suas velas, de um lado as montanhas inexploradas da Africa, do outro lado as virgens florestas do Brasil, vendo accenderem-se de subito no ceo, como que para illuminarem a sua via triumphal, os radiantes luzeiros de um hemispherio novo, aportaram em fim ás praias indostanicas e entregaram á civilisação um mundo. Deus! essa navegação de heroes envolveu-a para a Europa a ingratidão dos posteros quasi em véos tão nebulosos como a viagem primitiva dos argonautas gregos. A nossa gloria é, quasi como a d'elles, uma sombra vaga; mas não, mas não, que temos em ti a luz e o hymno! Sobrevives tu, Camões, e tu és a lyra e a estrella, és Argos e és Orpheu!

Não o previras de certo; quando se afundava o baixel da nossa grandeza, não julgavas que por cima da mortalha das ondas se estendesse tambem a mortalha do esquecimento. Roma caíu, mas a sua memoria de seculo a seculo se vae agigantando; são-lhe as ruinas Capitolio, e a magestade do infortunio cinge-lhe a pallida fronte de mais augusto diadema; caíu Veneza, e caíu escrava, mas as lagrimas das nações reverdeceram-lhe os loiros desbotados; sobre Portugal assassinado tripudiou a Europa; mostrou as feridas, respondeu-lhe o escarneo; sacudiu os grilhões, encontrou a indifferença; evocou o passado, e só achou o olvido; procurou no Oceano o sulco de espuma aberto pelas suas quilhas, já lh'o tinham apagado as naus da Hollanda e da Inglaterra; fez scintillar de novo ao sol de cem combates a sua espada gloriosa, e os relampagos que o ferro despedia não conseguiram sulcar as trevas profundas em que estavamos amortalhados; era mais intensa a luz do teu engenho, era mais sonoroso o clamor da tua voz, e o mundo, quando lhe bradavamos «Portugal», só nos respondia «Camões».

Orgulha-te, poeta! orgulha-te, immortal! Da patria que te desprezára, vingaste-te salvando-lhe a gloria; a quem te não soubera trocar por manto de arminhos a capa esburacada, respondeste envolvendo-a na tua luminosa tunica. Portugal apagára nas sombras da miseria o fulgor do teu genio, é esse genio, reaccendendo-se no facho da immortalidade, pairou, como vivido sant'elmo, á flor d'agua, no topo dos mastros do galeão submergido.

Oh! mas em ti o amor da patria falla mais alto que o orgulho! E se o teu espirito, evocado pelo clamor da artilheria, vem animar o bronze do teu vulto, as aves do ceo, que em torno de ti pairam, hão de ver as lagrimas sulcarem-te as faces redivivas, hão de sentir tremer-te na mão a espada, hão de te ver apertares convulso ao peito o bronzeo livro! Não ouves o clamor da turba e a melodia dos hymnos, não vês a cidade festiva e embandeirada; mas, cravando os olhos no horisonte d'além, contemplas a visão que a tua phantasia evoca! Vês a tua antiga Lisboa, divisas as frotas levantando ferro e sulcando o Tejo, tumultuam nas praças os heroes das antigas eras, passam invejosos os estrangeiros, e as quinas fluctuam orgulhosas nas muralhas erguidas das fortalezas. Já não és estatua, és aguia, fitando os olhos no sol, embalando-te nas azas da tempestade, confundindo com o rugido do Oceano o teu grito sublime! Surjam da sepultura as gerações preteritas, apertem de novo os ilhaes dos seus murzellos os cavalleiros de Africa, resoem ao embate das espadas as couraças polidas, ondeiem á brisa dos combates as plumas do elmo! «S. Jorge e ávante!» Portugal é de novo o dominador dos mares; mas a visão dissipa-se, volta o espirito do poeta com um funebre gemido ás regiões ethereas, e a estatua fica de novo immovel, muda, campeando, com a sua tristeza grave, sobre a cidade decaída, espectro glorioso do passado, illuminado pelo esplendor de dois occasos — o do sol e o da patria!

Mas d'ora ávante o estrangeiro, quando passar desdenhoso pelas nossas ruas, se vir de subito surgir-lhe, banhado pela melancolia luminosa do poente, o vulto de Camões, ha de recuar deslumbrado pelos relampagos que despede o livro, pelos relampagos que despede o gladio, e o motejo ha de expirar nos seus labios ao contemplar n'essa estatua, que fica sendo o palladio das nossas glorias, a visão sobrehumana do passado.

E entretanto o crepusculo ia envolvendo no seu manto de sombras o pedestal e o poeta. Accendia-se facho a facho a cidade illuminada, e a estatua, grave e triste, dominando esses pallidos esplendores da terra, sentia immergir-se-lhe a fronte erguida no estrellado diadema dos ceos.

Depois, pouco a pouco foi-se apagando a luminosa coroa da cidade, a multidão dissipára-se, ouvia-se de quando em quando um ultimo rumor de vozes alegres, depois veiu o silencio. Mas o vento ergueu então a sua voz solemne, e toda a noite gemeu triste e lugubre na estatua muda e grave. Era a elegia depois do hymno, era o lamento depois do applauso, a recordação das agonias depois da recordação das glorias.

Dormia a cidade, mas sobre o seu pedestal campeava a estatua de Camões.

Dorme, rainha descoroada, dorme Palmyra do occidente! Dorme em fim sem que o remorso te agite, dorme sem que te punja a amargura de te veres olvidosa e olvidada, desprezada e ingrata! Dorme; podem voltear em torno do teu leito os sonhos luminosos do passado, porque entre as sombras da noite, com a fronte coroada de estrellas, vela sobre o teu somno, sentinella da tua gloria, a estatua do teu cantor!

M. Pinheiro Chagas.

AUTO DE INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO CONSAGRADO A CAMÕES

Aos 9 dias do mez de outubro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1867, n'esta cidade de Lisboa e praça de Luiz de Camões, a qual se achava devidamente adornada e embandeirada, e o monumento todo velado, se procedeu á ceremonia da inauguração do monumento erigido por subscripção a Luiz de Camões, com as solemnidades prescriptas no programma approvado pelo real decreto de 2 de outubro corrente, na fórma seguinte:

Depois da 4 horas da tarde, tendo chegado sua magestade el-rei o sr. D. Luiz I e sua augusta esposa, a rainha sr.ª D. Maria Pia, sua magestade el-rei o sr. D. Fernando e sua alteza o serenissimo sr. infante D. Augusto, se dirigiram á tribuna do lado do norte, que se havia armado para a familia real, recebendo a continencia das tropas formadas em parada, e tocando todas as bandas de musica reunidas na praça a marcha dedicada a Camões por Arthur Frederico Reinhardt.

Encaminhou-se depois o cortejo para junto do monumento, indo na frente os porteiros da real camara com as maças de prata, e logo os reis d'armas, arautos e passavantes, com as suas cotas. Seguiam-se as corporações, tribunaes, auctoridades e mais pessoas convidadas, guardando entre si a ordem da precedencia: a camara municipal de Lisboa, a academia real das sciencias, o conselho geral de instrucção publica, a universidade de Coimbra e mais corporações scientificas, litterarias e artisticas, a commissão central dos subscriptores do monumento, os titulares e mais pessoas que formam a corte, indo os grandes do reino na ala direita e os outros personagens na ala esquerda, os membros do corpo legislativo, o conselho de estado, o ministerio, e por ultimo suas magestades e alteza, seguidos dos gentis-homens da real camara e ajudantes de campo, e das damas de sua magestade a rainha.

Ahi o vice-presidente da commissão central, o commendador Francisco de Paula Sant'Iago, na ausencia do presidente, o ex.^{mo} duque de Saldanha, leu a seguinte allocução:

«Senhor.—A commissão central dos subscriptores para o monumento consagrado a Luiz de Camões tem a ventura de se congratular com vossa magestade pela chegada d'este dia suspirado ha seculos.

«Para solver esta divida nacional, contribuiram não só portuguezes espalhados por todo o orbe e os poderes publicos d'este reino, mas os estrangeiros admiradores do grande poeta, e principalmente o povo brasileiro e seu illustrado imperador, para os quaes tambem esta divida era de familia.

«Desvelando se por desempenhar com efficacia o encargo que lhe foi conferido pelos benemeritos subscriptores, a commissão central compraz-se de haver conseguido que só mãos portuguezas concorressem para o lavor do monumento erigido na capital do reino ao immortal cantor das gloriosas navegações e descobrimentos que tanto nos afamaram.

«Symbolo da nação, vossa magestade não podia faltar a esta festa parental; acudiu a ella espontaneamente; e tendo por suas reaes mãos assentado a pedra fundamental d'este monumento, agora com seu augusto pae vae descobrir o colosso. Dois soberanos coroam um soberano. É o representante das modernas conquistas honrando o cantor das conquistas passadas.»

Sua magestade el-rei o sr. D. Luiz I dignou-se proferir o seguinte discurso:

«Honrâmos hoje a memoria de Luiz de Camões. N'aquelle monumento ficará lembrado o reconhecimento da patria!

«Ao inspirado cantor do maior commettimento que estremou a antiga da nova sociedade — a abertura do Oceano e a descoberta do novo mundo — era devido este tributo prestado pela nação a quem a principal gloria d'aquelles factos pertence.

«Venho eu prestal-o em seu nome com emoção e com orgulho.

«É grandioso, depois de decorridos quasi tres seculos, ver n'este momento um povo dominado todo pelo imperio de dois grandes sentimentos para com a memoria de um homem — a admiração e o enthusiasmo!

«Se governos de sabedoria, aproveitando as condições do seu tempo, souberam preparar para Portugal dias de immortal gloria, Luiz de Camões, cantando essas glorias, conquistou para as letras patrias reputação egual aos feitos que celebrou.

«Para louvar Luiz de Camões basta escutar a fama; é a voz dos seculos quem inspira o seu elogio. Esse monumento consagraram lh'o já os nossos maiores, porque nunca a consciencia do povo esquece o nome dos seus homens illustres.

«Se a patria por um momento pareceu olvidal-o, pranteava ella então desolada as desgraças que a opprimiam!

«O nome do grande poeta, inscripto no elevado pedestal da fama ao lado dos primeiros poetas do mundo, descança seguro de que nunca será esquecido. A opinião creou-lhe um d'esses nomes soberanos, cujo imperio não perece como perecem os imperios que só a força sustenta.

«O tumulo consente bem hoje o elogio. Correndo o véo que encobre as glorias dos que já não vivem, não se offende a modestia da immortalidade.

«Os grandes espiritos são a sós sufficientes a si mesmos. É por isso que, levantando no bronze um monumento a Luiz de Camões, não elevámos mais o seu nome; vinculâmos-lhe sim o reconhecimento e a admiração da patria.»

Em seguida o vice-presidente da commissão central pediu venia a suas magestades para lhes apresentar o esculptor Antonio Victor Figueiredo de Bastos, auctor do monumento, ao qual sua magestade el-rei o sr. D. Luiz I houve por bem conferir o grau de official da muito antiga e nobilissima ordem de S. Thiago do merito scientifico, litterario e artistico.

Depois o mesmo vice-presidente da commissão, tomando os cordões da cortina que velava a estatua, entregou um d'elles ao presidente do conselho de ministros, o conselheiro de estado Joaquim Antonio de Aguiar, e o outro ao presidente da camara municipal de Lisboa, os quaes offereceram o primeiro a sua magestade el-rei o sr. D. Luiz I, e o segundo a sua magestade el-rei o sr. D. Fernando.

Logo que a estatua se patenteou, as tropas apresentaram as armas, tocando as bandas de musica reunidas na praça a marcha dedicada a Camões pelo professor Guilherme Cossoul.

Uma girandola de foguetes, correspondida por uma salva real do castello de S. Jorge e das mais fortalezas, bem como dos navios de guerra nacionaes surtos no Tejo, annunciou que se achava inaugurada na capital do reino a estatua de Luiz de Camões.

Voltando suas magestades e o seu sequito á tribuna real, na mesma ordem de precedencias, o vice-presidente da commissão central offereceu a suas magestades um exemplar da medalha commemorativa d'esta solemnidade.

Por ultimo foi lido este auto para ser assignado como se determina no programma official. E eu, Joaquim Pedro de Sousa, secretario da commissão central dos subscriptores, o lavrei e subscrevi, tirando d'elle um traslado para o archivo nacional da Torre do Tombo, e outro para o archivo dos paços do concelho.— *Joaquim Pedro de Sousa*.

Declaro que sua magestade a rainha não pôde concorrer a este acto, ficando por esta declaração alterados o segundo e terceiro periodos d'este auto.— *Joaquim Pedro de Sousa*.

Seguem as assignaturas [1].

LUIZ DE CAMÕES

I

Ha nomes que basta serem pronunciados para acordarem no espirito um largo mundo de cogitações e de saudades. Estes nomes são abysmos. Quem se inclina sobre elles tem o estremecimento do assombro; estes abysmos são os genios. Passam os tempos, e com elles as instituições; derrubam-se as columnas votivas, os monumentos amassados com o sangue dos vencidos e com o orgulho dos vencedores; o musgo do esquecimento estende um véo sobre os nomes esculpidos nos arcos de triumpho; os heroes de hontem transfiguraram-se hoje em assoladores; os que cobriam o mundo com a sua purpura vêem-se hoje, pela maior parte, crucificados na historia, n'esse patibulo dos Tchinghis-Kans de todas as epochas.

Não morrem, porém, os pensadores, os poetas, os philosophos, os obreiros da civilisação, os intrepidos navegadores que soltaram o rumo, não em cata do vello de oiro, mas em busca d'esse ideal que tem de ser o futuro sol das gerações. A Grecia é um tumulo, mas Eschylo é um deus; o orvalho da noite enferrujou as espadas dos invasores, como as dos servos de Brabancio, mas o marfim das lyras ganha em alvura de seculo para seculo; Attila e os burgundos são viboras que descançam entre as ruinas do passado, e que unicamente se descobrem ao clarão sinistro dos Niebelungen.

Estamos na quadra em que os loiros muraes vão perdendo o prestigio; os grandes homens recolhem-se ao verdadeiro logar que lhes pertence e cedem o passo aos grandes apostolos. Julio Cesar despede-se de Sesostris e de Alexandre para se collocar entre Tacito e Tito-Livio [2].

Esta proeminencia incontestavel nunca é dom gratuito; os que a possuem tem sempre ao lado da pagina doirada que lhes confere a posteridade a folha negra dos soffrimentos. Essa verdade terrivel, de que a historia da intelligencia é a historia do martyrio, está sufficientemente comprovada; comecemos em Christo e desçamos até João Huss. Escusado é citar nomes ou enumerar factos; todos, de certo, tem pensado mais ou menos n'essa lei incomprehensivel, n'essa dura lei que manda comprar a gloria a peso de lagrimas.

O homem de que vamos tratar n'este esboço é d'isto um testimunho luminoso. O destino tem concedido a poucos tamanho dominio no enthusiasmo universal, mas tambem sobre poucos, como sobre elle, emborcou tão prodigamente a taça das amargas desventuras. O Dante, expatriado, peregrino, cançado de subir e descer escadas alheias, como elle proprio o diz n'uns energicos versos, devorando o pão de estranhos, *lo pane altrui*, bate finalmente á portaria do mosteiro de Corvo, e, levando na mão a *Divina comedia*, pede o esquecimento e a paz. Camões não a encontra; a sua paz é o exilio, é o naufragio, é a solidão d'além-mar, é a gruta esquecida, é o desprezo dos contemporaneos, é a iniquidade dos proceres. Quando essa cabeça constellada de estrellas se envolver na mortalha, quando esse nobre peito tão cheio de patriotismo e de amor se alquebrar sob uma pedra rasa, quando essas mãos que enfeixaram a espada do guerreiro com a penna de oiro do trovador se cruzarem na derradeira súpplica, ainda virão, para desconcertar a musica da apotheose, esses que levantam sobre todos os tumulos o epigramma em vez do panegyrico, a caricatura em vez da estatua. Esta profanação é inevitavel; o genio, mesmo quando a morte o sanctifica, não deixa de ser lanceado.

A biographia de Luiz de Camões é bem notoria para que nos demoremos em narrações prolixas; limitar-nos-hemos, pois, em tracejar as principaes linhas que lhe servem de contorno. N'um trabalho em que, apesar de humilde, não podem deixar de enlaçar-se os successos d'esta existencia, successos que prendem com a obra litteraria e que quasi sempre a esclarecem, é conveniente apresentar-se em epitome, em resumo, o que ha de mais notavel entre os factos que constituem a peregrinação de tão grande homem.

Sem remontarmos ao tronco genealogico do nosso poeta, basta sabermos ter sido elle filho de Simão Vaz de Camões e de D. Anna de Sá Macedo, pessoa muito illustre da villa de Santarem. O anno do seu nascimento andou por largo tempo envolvido em dúvidas, até que a final parece terem-se ellas removido com o assentamento que Manuel de Faria e Sousa descobriu no registo da casa da India de Lisboa. Ahi se diz que, em 1550, Luiz de Camões, escudeiro de vinte e cinco annos, se alistára para ir na nau de S. Pedro dos Burgalezes. O anno de 1525 é, portanto, o que fóra de dúvida se deve marcar como sendo o do nascimento do poeta. Quanto á terra da sua naturalidade, ainda ao presente continuam as incertezas; eu, porém, com os editores da *Bibliotheca portugueza*, estou que o mais claro e irrefragavel documento sobre qual a terra que lhe deu o berço, é o que elle proprio nos deixou no soneto C:

> «Criou-me Portugal na verde e chara
> Patria minha Alemquer...........»

A declaração não soffre dúvida. Creio que o poeta, embora na sua vida não tirasse nunca certidão de baptismo, havia de saber de sciencia certa a terra em que fôra nascido. N'isto fico mais por elle do que pelos biographos.

Sendo moço, na edade de doze ou treze annos, foi estudar á universidade de Coimbra; ahi o começou a namorar aquella musa que tanto esplendor lhe havia de derramar sobre o nome, e que tantos desgostos lhe acordaria no coração. Nasceram-lhe lá os primeiros amores e os primeiros versos; foi lá que o peito lhe desabrochou porventura ao calor de um beijo, para depois se inundar com esse orvalho de poesia subli-

[1] Vid. *Diario de Lisboa* n.º 229, de 10 de outubro de 1867.
[2] Schlegel — *Hist. da litterat.*, tomo I, pag. 156.

me, que o ceo lhe choveria em perolas. Data d'esse tempo aquella maviosa canção que marca periodo novo na poesia portugueza:

«Vão as serenas aguas
Do Mondego descendo.»

Concluidos os seus estudos, voltou a Lisboa, e ahi foi acolhido, principalmente pelas damas, com aquella boa sombra a que tinham direito os seus talentos e a gentileza do seu porte [1]. N'este ponto começa a historia d'esse entranhado affecto por certa dama, que o maior numero dos criticos assegura ser D. Catharina de Athaide, da casa do conde da Castanheira, não obstante o muito que ha de duvidoso em similhante affirmativa. O certo é que o poeta amou com toda a violencia e com todo o fogo de que são capazes as grandes almas. O Mondego havia-lhe escutado os murmurios de uma paixão nascente, e o Tejo ouvia-lhe o canto arrebatado de uma paixão sem limites.

O amor é o recife de todos os poetas. Os que comprehendem a natureza inflammam-se como ella; o que



n'uma parte é seiva escandecente e ardida, é n'outra sangue vivo e tempestuoso. Ha as primaveras floridas da alma, como ha os estios calmosos, como ha os invernos sombrios. O gorgeio faz-se hymno, o suspiro converte-se em soluço. Doira-se o mundo com todas as côres de uma phantasia opulenta, e solta-se o batel á corrente com a credulidade das almas generosas. Ás primeiras remadas alonga-se a vista pelas varzeas luzidias e pelos trigaes maduros; de repente as ondas engrossam, o rumo perde-se, o barco desnorteia-se, os penedos levantam a crista á flor d'agua, as nuvens encastellam-se, os escarcéos rugem, a borrasca desata-se. Quando se quer ter mão na vela já o panno vae rasgado; quando se demanda a terra o navio alaga-se. Então é acceitar com animo varonil as consequencias da empreza; é deixar cair a ultima saudade sobre essas aguas em que um dia desfolhámos rosas. A historia do amor foi esta para Camões, como é esta para todos. Os que nunca naufragaram são os que nunca saíram do porto. Os marisqueiros não se afogam.

[1] Garrett — *Camões*, nota J, pag, 225.

Com quanto os galanteios da corte não fossem de todo estereis para o nosso epico, a indifferença dos potentados obrigou-o a tentar fortuna, e a procurar esteio para aquella vida, que tão aventurosa tinha de ser no futuro. O caminho das armas era o que se lhe abria mais facilmente; seguiu por elle, e os muros de Ceuta lá estão para attestar se o braço que salvou a patria do esquecimento era ou não dos que na vanguarda cruzavam a espada com o alfange barbaresco. Foi n'um d'estes recontros com os moiros que elle perdeu o olho direito, pelejando ao lado de seu pae.

No anno de 1553, já de volta em Lisboa, embarcou para a India na nau em que ia Fernão Alvares Cabral. O desengano teve um momento em que pôde abalar o seu nobre espirito: como Scipião Africano, as derradeiras palavras que disse ao afastar-se da costa foram: *Ingrata patria, non possidebis ossea mea* [1]*!*

Chegado a Goa, o que succedeu em setembro do mesmo anno, como o vice-rei D. Affonso de Noronha estivesse aprestando uma grossa armada para ir em

[1] Camões — *Obras*, carta I, tomo III, pag. 229.

soccorro do rei de Porcá, embarcou-se com elle o poeta e foi a castigar o da Pimenta ou Chembé, que tomára uma ilha ao nosso alliado. Este successo é por elle referido na elegia III com uma simplicidade notavel; é tambem n'esta elegia que se encontra aquella imitação dos conhecidos versos de Virgilio:

O fortunatos nimiùm, sua si bona norint,
Agricolas [1]!

imitação que, pela suavidade e brandura, não cede primazias ao bello trecho do mantuano.

Andava n'este ponto a fortuna bafejando-o com o seu desvelo traiçoeiro; as primeiras amarguras da vida iam-se-lhe apagando da memoria, deixando campo a novos affectos e a risonhas aspirações. Apesar da terra ser, como elle o diz n'uma das suas cartas, mãe de villões ruins e madrasta de homens honrados, o poeta, bemquisto de todos, gozava d'aquella quietação d'alma e de corpo tão bem comparada á da cella de um frade. Não se deixava elle, comtudo, illudir pelos assomos da ventura; a momentos o coração deitava-se-lhe a adivinhar o futuro, e por detraz dos alvores via as nuvens que lá para o diante lhe haviam de escurecer o horisonte. Levado por esta mysteriosa intuição, que muda o poeta em vidente, escrevia a ecloga I, onde, depois de relancear a vista pelos successos passados, exclama com a perturbação de quem se crê fadado para desventuras:

«E praza a Deus que o duro e triste fado
De tamanhos desastres se contente;
Que sempre um grande mal inopinado
E' mais do que o espera a incauta gente.»

Não tardou que a ecloga lhe fosse prophecia: Francisco Barreto tinha de ser o raio ardente que havia de fulminar o carvalho, segundo a bella imagem posta na boca de Frondelio. O desterro foi o prodromo de outras catastrophes; a aguia ferida tinha de espedaçar as azas pelas agruras das rochas e pela rudeza das brenhas.

Começava a perseguição ao genio, essa perseguição eterna que nos espanta, essa lucta abominavel em que o despotismo insciente lacera e derranca os civilisadores, e em que os escribas apedrejam os prophetas. O destino havia de cumprir-se; como na trilogia do florentino, era preciso atravessar a mansão dos horrores perpetuos para chegar á luminosa estancia do paraiso; como na epopéa do christianismo, era preciso ter derramado o sangue entre as oliveiras do horto antes de subir radiante á montanha da transfiguração. Destino cruel é este, que para marcar na fronte do homem o sêllo do genio lh'o imprime com um ferro em brasa!

O desterro de Luiz de Camões foi em 1556. Primeiro esteve no monte Feliz, na Arabia; d'alli passou á ilha de Ternate, uma das Molucas; e, em fim, de Ternate lá foi peregrinando até Macau, e d'aquella gruta, que foi a sua tripode, arremessou elle aos seculos o seu livro immortal, o canto immorredoiro das nossas gentilezas. *Ære perennius.*

Oh! como aquella alma sublime se havia de expandir em meio de uma natureza exuberante e magestosa! De um lado os montes incultos, as serranias alterosas, os bosques emmaranhados, os taboleiros verdejantes; do outro lado o rio, o mar, as aguas extensas, o murmurio das ondas, os desvios silenciosos. E elle, o poeta, elle, o gigante, solitario n'aquelle penhasco, a alongar os olhos com saudades da patria, e a esculpir no marmore a apotheose dos ingratos.

É tradição que em Macau exercêra Camões o modesto officio de provedor dos defunctos e ausentes, com o que adquiriu alguma fazenda, e com ella esperanças de lograr socego. Cinco annos viveu d'este modo. Ao cabo, sabendo que D. Constantino de Bragança substituira Francisco Barreto no governo da India, embarcou-se para Goa a tentar fortuna. Chegando á costa de Camboja, perto da foz do rio Mecom, deu a nau em uns baixos, fazendo-se pedaços.

Todos conhecem a estancia do canto X dos *Lusiadas*, que começa:

«Este receberá placido e brando
No seu regaço o canto, que molhado
Vem do naufragio triste e miserando,
Dos procellosos baixos escapado.»

O canto salvou-se, e com elle a gloria: um dos braços cortava as ondas que se encaramelavam, e o outro erguia o manuscripto precioso, a unica estrella em meio da cerração d'aquella tempestade. No principio do anno de 1561 chegou a Goa; e, como quem sabia de experimentado quanto era preciso aperceber-se de escudo contra os pelouros da inveja, dirigiu ao vice-rei a epistola, II nas suas obras:

«Como nos vossos hombros tão constantes»,

epistola que, embora perfumada com alguns versos de louvor, não deixa de respirar o cheiro acre de uma consciencia austera, incapaz de se nivelar com a dos aulicos de ante-camara ou de se torcer ao geito de qualquer principe. Durante a governação de D. Constantino correu-lhe o vento galerno, e até particulares favores do vice-rei lhe promettiam, se não prosperidade, ao menos remanso para as inquietações do espirito.

Não foi essa a vontade da sorte. D. Francisco Coutinho, conde de Redondo, chega a tomar posse do governo, e essa velha aduladora dos tyrannos (como diz um genio), essa infame companheira dos traidores, essa amiga inseparavel dos nescios, a calumnia, endireitando o collo como a vibora, lançou o poeta n'um carcere. *Zoïle aussi éternel qu'Homère!* O zoilo que empeçonhenta a obra litteraria é o mesmo que crava o incisivo na honra. Chama-se plagiario a Homero como se chama ladrão a Socrates. O zoilo de Camões é Miguel Rodrigues Fios Sêccos. O desacato immortalisou-o, e o poeta consagrou-lhe a immortalidade no sarcasmo de uma redondilha.

(Continúa) E. A. VIDAL.

1 *Georgicon*, liv. II.

1 Camões — *Obras*, tomo II, pag. 474.

A AVAREZA

Porque os impios tem calliginosos os olhos da alma, quiz Deus mostrar-lhes esta verdade pelos da carne.

O venerando padre fr. Mattheus de Baso, aquelle celebre e apostolico varão que deu principio á reforma dos menores observantes, sendo hospede de um famoso advogado na curia ducal de Veneza, para lhe mostrar como suas riquezas eram mal havidas com trapassa e dolo, estando com elle á mesa, pegou das toalhas, e as torceu e espremeu, e começaram a escorrer sangue humano em tal cópia, que o mesmo advogado o ia aparando e recolhendo em um prato.

Com tão evidente e horroroso signal lhe entrou o desengano: converteu-se, isto é, restituiu; que em similhantes pessoas, se se determinam a restituir, está feita a conversão.

Temos logo, que bem dizia o glorioso padre Santo Antonio:

— Guarde-me Deus de acceitar eu por signal de amor o sangue espremido dos pobres.

P. MANUEL BERNARDES.

THOMAR

CASTELLO DOS TEMPLARIOS E CONVENTO DA ORDEM MILITAR DE CHRISTO

(Vid. pag. 185)

VII

Catastrophe da ordem do Templo; accusação e processo dos templarios; execução do grão-mestre e de outros cavalleiros; extincção da ordem.

Tem visto os nossos leitores pelos artigos antecedentes como a ordem do Templo, nascida de um pensamento caridoso no seio da pobreza e da humildade, rapidamente se elevou e ennobreceu, opulentando-se ao mesmo tempo, e assumindo influencia, poderio e esplendor quasi soberanos. A sua independencia do poder real, pois que não reconhecia outra auctoridade senão a do summo pontifice; a sua organisação militar e o respeito que por toda a parte diffundiam as proezas de seus filhos nos campos de batalha, constituiam a ordem do Templo um verdadeiro estado no estado.

Se taes condições de força e riqueza levam naturalmente os homens e as nações a abusarem d'esses dons, que a fortuna lhes concedeu, tornando-se orgulhosos, soberbos, e, peior do que isso, injustos e oppressores; não é menos certo que por um lado a fruição d'aquelles dons, e por outro a pratica d'estes abusos, os fazem alvo constante da inveja dos grandes da terra, do odio dos pequenos, e das calumnias e maquinações de todos. Foi o que succedeu aos templarios de quasi todos os paizes, exceptuando, porém, os de Portugal, por algumas razões especiaes, que ao diante exporemos.

Foi na França onde os templarios possuiram maior somma de bens; e, por conseguinte, onde ostentaram toda a influencia do seu poder, e todo o esplendor da grandeza e fausto com que viviam: foi ahi, finalmente, onde mais excitaram as invejas e os odios, que rebentou a tormenta que lançou por terra a arvore colossal, cujas raizes se entranhavam em todos os paizes catholicos.

Reinava então em França Filippe IV, o Formoso; era grão-mestre dos templarios Thiago de Molay (Jacques de Molay), nascido na Borgonha: e tinha a ordem do Templo por cabeça ou principal assento a ilha de Chypre, em consequencia de ter caido novamente em poder dos infieis a cidade santa de Jerusalem.

Filippe, o Formoso, lidava, desde que empunhára o sceptro, por desembaraçar o poder real das pêas com que pretendia subjugal-o o feudalismo e o pontificado. Por conseguinte odiava a ordem do Templo, não só pelo ciume que ella excitava á sua auctoridade e pela sombra que fazia á sua vaidade de soberano, mas tambem porque a achára por vezes indifferente ou adversa nos conflictos e luctas que amiudadamente se travavam entre o soberano e a santa sé, e tambem entre o primeiro e os nobres ou os populares. A este odio, porém, que o tempo accendia cada vez mais, accresceu no animo do rei, em damno dos templarios, outra má paixão, que augmentava egualmente de dia para dia. Era a cubiça das avultadas riquezas da ordem. Essa cubiça, que em seu principio fôra simplesmente inveja, tornou-se mais tarde em systema de fazenda, em necessidade politica, segundo as idéas da epocha.

Filippe, vendo exhauridos os cofres do estado e os rendimentos publicos muito inferiores ás despezas da nação, recorreu ao meio ruinoso de augmentar o valor da moeda. Os estados geraes, approvando a medida com muita repugnancia, obrigaram el-rei a prometter que tornaria a restituil-a ao antigo valor.

Progredindo, porém, a desordem na administração da fazenda, el-rei, em vez de cumprir a promessa, elevou de novo o valor da moeda. Sublevou-se então o povo em diversas provincias. A Normandia, principalmente, assumiu um aspecto tão ameaçador, que o monarcha viu-se constrangido a revogar o decreto para restabelecer a tranquillidade no seu reino.

Continuaram, portanto, os apuros do thesouro, e os conselheiros da coroa lembraram ao soberano um expediente já usado em casos similhantes em outras cortes da Europa. Consistia o expediente em lançar mão das propriedades e mais valores possuidos no reino pelos judeus. Era uma expoliação injusta e brutal, um verdadeiro roubo, com a circunstancia aggravante de ser perpetrado pelo proprio governo. Todavia, como a violencia era feita aos descendentes dos que tinham crucificado no Golgotha a Jesus Christo, entendia-se que não deixaria de ser uma acção meritoria diante de Deus.

Apossou-se Filippe IV de muitas riquezas, pois que sendo n'essas eras os israelitas o povo que exercia quasi exclusivamente em todos os paizes europeus a industria commercial, era em suas mãos que se accumulavam as maiores sommas de dinheiro.

Escusado será dizer que o remedio não curou o mal, apenas o attenuou temporariamente, porque a enfermidade estava mais na desordem da administração publica, do que na falta de meios para acudir ás necessidades do estado.

Foi n'estas circunstancias apertadas que veiu tentação a el-rei de França de se apoderar dos bens dos templarios. Era ousada a empreza, e sobre ousada temeraria; pois que a ordem do Templo não só era poderosa pelas riquezas de que dispunha e pelo numero, valor, pericia e habitos militares dos seus membros, mas era tambem poderosissima pela força que lhe davam os vinculos de sangue, que ligavam muitos de seus filhos ás principaes familias da aristocracia franceza, e, finalmente, pelo acatamento que o povo tributava, não obstante algumas violencias que soffria, aos denodados campeões que tinham sempre exposto o peito e a espada sempre em punho contra os inimigos da santa religião de Christo.

Porém aos motivos acima referidos, que armavam o braço real contra os templarios, accrescia no animo del-rei o desejo de se vingar da ordem pelo auxilio que prestára á casa de Aragão na sua querella com a casa de Anjou, auxilio que fez triumpharem as pretenções da primeira. Tão violentas paixões a referverem-lhe no peito, deram-lhe coragem para arrostar com todos os perigos e difficuldades. Além d'isso, bem sabia o monarcha francez quanto póde a astucia em similhantes luctas, se todos os meios para se conseguir os fins se julgam licitos. Por outro lado apresentava-se a opportunidade da occasião para vibrar o golpe, porque Filippe IV, ao cabo de longas desintelligencias e graves contendas com a egreja, durante as quaes fôra excommungado pelo papa Bonifacio VIII, acabava de obter um grande triumpho, conseguindo elevar ao throno pontificio, pela morte de Bonifacio, a Beltrão de Goth, arcebispo de Bordeos, que ao cingir a thiara trocou o nome de baptismo pelo de Clemente V. A ruina da ordem do Templo foi, portanto, ajustada entre el-rei Filippe e o novo summo pontifice.

Começou o drama por uma infame traição. El-rei Filippe convidou o grão-mestre dos templarios, Thiago de Molay, a vir da sua ilha de Chypre a Paris, sob pretexto de assistir ás conferencias em que se tratava, de accordo com o papa, da juncção da ordem de cavallaria de S. João de Jerusalem á dos templarios.

Accedeu Molay ao convite do soberano francez; e em breve se apresentou em Paris acompanhado dos cavalleiros mais auctorisados da ordem. Filippe, o Formoso, recebeu o grão-mestre com todas as honras e attenções devidas ao seu elevado cargo. Mas em quanto o entretinha, distrahindo-o do assumpto para que o

convidára, com toda a sorte de obsequios e demonstrações de amizade, fazia espalhar entre o povo, por meio de agentes de sua confiança, bem industriados, os mais odiosos boatos contra os templarios, em que estes figuravam de complices em todo o genero de peccados e crimes que mais podem offender Deus e a sociedade.

Quando pareceu ao soberano que a semente que mandára semear estava bem espalhada, não só na cidade de Paris, mas tambem em todo o seu reino, deu execução ao tenebroso plano que maquinára, e com tal acerto e segredo, que o grão-mestre do Templo e os cavalleiros templarios que se achavam na capital, em numero de 140, e todos os que existiam nas diversas terras de França, foram presos no mesmo dia (12 de outubro de 1307), e lançados no fundo de escuros carceres, como os mais vis criminosos. Ao passo que se executava a prisão, eram sequestrados todos os bens da ordem, e o rei de França occupava e revistava minuciosamente com os seus proprios olhos a casa que a ordem tinha em Paris, a qual, com o nome de *Templo*, que a todas as casas da ordem era dado, se tornou tristemente celebre nos fins do seculo passado por servir de prisão a Luiz XVI e sua desditosa familia.

Apesar de Filippe IV ter disposto a opinião publica para se não sobresaltar com a catastrophe da ordem do Templo, a impressão que o successo causou, quer nos fidalgos, quer nos populares, foi profunda e desfavoravel ao soberano. A nobreza, sentindo-se ferida do golpe tão violentamente descarregado contra muitos dos seus membros, que vestiam o habito dos templarios, indignou-se e mostrou-se resolvida a defender as victimas. O povo, esquecendo-se depressa de todos os boatos a que pouco antes prestára ouvidos benevolos, murmurou desgostoso e severo, lembrando-se unicamente dos serviços feitos pela ordem do Templo na defensa dos logares santos, no exterminio dos infieis e na propagação da fé. Mas o rei, vendo condensarem-se sobre a sua cabeça as nuvens da procella, não desanima, antes com firme resolução convoca o povo para lhe patentear os motivos que o levaram a proceder com tal rigor.

Os populares, que não estavam acostumados a similhante attenção da parte do soberano, e que por este simples facto ficavam lisonjeados e penhorados, ouvindo agora da propria boca del-rei que os cavalleiros do Templo eram accusados dos feios crimes de heresia, sacrilegio e idolatria, não se recordaram mais do sangue dos templarios derramado abundantemente nos campos de batalha em prol da religião de Jesus Christo, e applaudiram o monarcha pelo seu zelo na extirpação das heresias. Os fidalgos, faltando-lhes o apoio popular, resignaram-se a esperar pelo andamento do processo, confiados na justiça da causa.

Assim conjurou Filippe IV as iras populares, que pareciam prestes a converterem-se em rebellião logo no primeiro acto d'este horrivel drama. Mas as difficuldades e opposições com que teve de arcar até o levar a cabo, foram muitas e grandes. Filippe, o Formoso, como se verá do proseguimento d'este capitulo, teve de pôr em acção toda a energia e firmeza de que era amplamente dotada a sua alma, e de exhaurir todos os recursos que podia tirar da perfidia do seu caracter.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.



Medalha commemorativa da inauguração do monumento a Camões

A medalha commemorativa, que foi dada a suas magestades no dia da inauguração do monumento erigido ao grande epico Luiz de Camões, segundo consta do auto que n'outro logar publicâmos, está representada na gravura que acompanha estas linhas.

Não póde ser cunhada esta medalha, como a commissão desejava, por falta de tempo. Apresentado o desenho ao gravador da casa da moeda, o sr. Campos, este habilissimo artista póde apenas moldar o cunho em cera, passal-o ao gesso, e mandar reproduzir por meio da galvanoplastia unicamente seis exemplares, os quaes foram distribuidos, em bellas caixas de veludo, no dia da memoravel solemnidade.

A medalha definitiva, que terá o reverso conforme se vê na gravura, com legenda ou inscripção apropriada ao grande facto que celebra, padecerá naturalmente algumas ligeiras modificações quando for passada ao cunho, se se entender conveniente, sequer para seu aformoseamento.

Deveriamos porventura adiar a publicação da medalha para quando estivesse cunhada e fosse distribuida por todas as pessoas que a ella tenham jus; mas é tamanha a nossa satisfação por se ter a final levantado o monumento ao maior dos maiores dos nossos poetas, que não podémos resistir á tentação — seja-nos a singela confissão tomada em conta — de a deixar estampada desde já n'estas paginas; além d'isso, não faltavamos á rigorosa verdade historica, e completavamos a minuciosa noticia que se escreveu n'este semanario, não só por occasião do distincto esculptor, o sr. Antonio Victor Figueiredo de Bastos, apresentar o modelo do monumento e estatua a Camões [1], mas tambem quando se verificou o acto da collocação da pedra fundamental d'este monumento [2], sendo então egualmente acompanhados os artigos das correspondentes gravuras. B. A.

[1] Vid. vol. IV de 1861, pag. 169.
[2] Vid. vol. V de 1862, pag. 129.